

Para todos os gostos

Em 1968, temas político-sociais, chuva e o espetáculo (muito mais animado) do debate da cassação do (ex) deputado Márcio Moreira Alves. Em 1969, o oportunismo e os chavões da moda ("Fica na tua que eu fico na minha, bicho!") e a Censura que cortou filmes e tumultuou as exibições. Encerrado quinta-feira passada, o VI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro parece ter encontrado, finalmente, a paz, o que não impediu que fôsse atacado. O artigo de Glauber Rocha no último "Pasquim" (perguntando por que tais e tais filmes — escolhidos ao gosto do autor — não foram selecionados) só não teve o efeito de uma bomba porque ninguém o leu no sonolento repouso da piscina do hotel Nacional. Protesto que pode ser também o de muita gente excluída da mostra agora duplamente compensadora: este ano, o Instituto Nacional do Cinema estabeleceu o troféu Cármen Santos para a "melhor produção" (20 000 cruzeiros para longa-metragem, 5 000 para curta), no mesmo valor já pago pelo festival, dobrando, portanto, os prêmios.

Cada um na sua — A escolha discutível ou as possíveis omissões parecem ter sido compensadas, porém, pela variedade de cardápio colocado à disposição do público de Brasília. Nada está mais distante da cinzenta parábola social de **O PROFETA DA FOME**, de Maurice Capovilla (prêmios de argumento, roteiro, diálogo, montagem, atriz coadjuvante, Júlia Miranda, e ator coadjuvante, Maurício do Valle), comentado na VEJA n.º 93, de 17-6-70, do que a pintura colorida de uma família se envenenando pelas suas próprias taras em **PECADO MORTAL**, de Miguel Faria Jr. (prêmio da crítica), comentado na VEJA n.º 114, de 11-11-70. Além desses, e entre os catorze curtas-

metragens em competição, algumas das novas imagens do cinema brasileiro mostradas em primeira mão em Brasília*:

OS DEUSES E OS MORTOS — A primeira cena, época atual, mostra gente sendo arrastada para os "caminhões da esperança" que vão para o sul, "cheio



Ruy Guerra prepara Othon Bastos: prêmio para os dois

de terra verde e fértil". Todas as outras se situam entre 1920 e 1930 — e são um desfile de fantasmas, deuses, mortos, cacau e sangue. Há um Homem (Othon Bastos) que é baleado no começo do filme e, sorrindo e sangrando, balbucia algo sobre a conquista do poder. Metade de sua cara vai apodrecendo durante o filme. Transforma-se num vingador impiedoso antes de morrer no final. Há o coronel Santana (Jorge Chaia) que acredita misticamente na sobrevivência de

* Os filmes de longa metragem serão comentados com detalhes quando passarem comercialmente.

sua raça. É assassinado. Há Urbano d'Água Limpa (Ruy Polanah), Valu d'Água Limpa (Nelson Xavier) e Aurélio d'Água Limpa (José Roberto Tavares). Todos assassinados. Há uma louca grávida e esfarrapada (Dina Sfat) que percorre a mata proferindo discursos de vingança. E, por trás de tudo, a luta pela terra do cacau e a impotência dos clãs inimigos diante dos importadores ingleses. Extremamente violento, prolixo, vigoroso, por vezes obscuro, o filme de Ruy Guerra (veja a entrevista na página 3) conta com um trabalho que é, seguramente, a maior proeza de fotografia do cinema brasileiro. (Prêmios de melhor filme, melhor ator para Othon Bastos, melhor atriz para Dina Sfat, melhor cenografia para Marcos Weinstock, melhor fotografia para Dib Lutfi e melhor trilha sonora para Milton Nascimento e o Som Imaginário.)

AZYLLO MUITO LOUCO — De louco o filme não tem nada — a loucura talvez resida no fato de que tenha sido feito, e justamente pelo lúcido Nelson Pereira dos Santos ("Vidas Secas", "Fome de Amor"). O conto de Machado de Assis "O Alienista", adaptado livremente, surge na tela de maneira confusa, mal-humorada e submissa à música (desagradável e excessiva) de Guilherme Magalhães Vaz e aos figurinos (bonitos e feéricos) de Luís Carlos Ripper. (Troféu Cármen Santos para longa-metragem e prêmio de figurino para Ripper.)

BATUQUE — A música de Lorenzo Fernandes ("Batuque") ilustrada em cinco minutos de animação. O diretor, Stiel (Pedro Ernesto Stilpen), define o trabalho como "antropofágico" e inspirado em figuras da mitologia amazônica: as imagens se comem, dando lugar a uma nova figura faminta. Magnífica a imagem da mulher que abraça o homem em cima dela e o enrola, transformando-se ambos numa linha sólida. (Prêmios de melhor curta-metragem e da votação popular.)

VIVA CARIRI — Longo (mais de meia hora) documentário de Geraldo Sarno sobre a região em que viveu o padre Cícero, seu culto ainda insistente, a industrialização que surge sem grande sucesso (uma grande fábrica está fechada no fim), intercalados por entrevistas ao vivo e uma curta (e extraordinária) contribuição na música de Gilberto Gil, selvagem e desesperada. (Troféu Cármen Santos para curta-metragem, prêmio da Central Católica de Cinema.)

A MORENINHA — O Rio (de 1840) numa comédia musical no estilo americano (de 1930), bem cuidada no figurino mas com uma direção (Glaucio Mirko Laurelli) e canções (de Claudio Petraglia) incapazes de dar graça ao fã-pitoresco-farfalhar-de-saias-e-mesuras da